

GLOBALIZAÇÃO PARA QUEM?

Marcelo Dornelis CARVALHAL*

Quando procuramos elucidar questões que se inserem nas atuais transformações do mundo contemporâneo, nos deparamos com uma aparente confusão teórica, já que o que se coloca como urgente para a ciência não é somente o diagnóstico, mas também (e baseado neste diagnóstico) um prognóstico. Portanto, e não é de hoje, à ciência cabe uma responsabilidade muito grande para as estratégias políticas, econômicas e sociais, redefinidoras da sociedade atual e futura.

A globalização é um tema da moda atual, e apresenta-nos como um grande desafio. Precisa-lo conceitualmente é tarefa mister para que nos sirva como instrumento teórico para entendimento das atuais transformações no capitalismo, pois senão pode apenas servir como conceito ideológico, mascarando as verdadeiras processualidades envolvidas.

É neste sentido (ideológico) que a globalização é apresentada como a grande panacéia do mundo contemporâneo, capaz de elevar a humanidade para uma nova etapa civilizatória, em que as sociedades-nações estariam cada vez mais integradas entre si, argumentação que não resistiu muito tempo, como demonstrado no caso iugoslavo. Porém é o que insistentemente a ideologia burguesa vem pregando desde o surgimento do capitalismo, de que as transformações do capital seriam benéficas para o conjunto da sociedade, este viés ideológico da globalização expressa-se claramente nos acordos de livre comércio onde a relevância ao mercado é quase absoluta.

O processo globalizante é intrínseco às necessidades expansivas do capital, que desde sua etapa mercantilista, estendeu-se pelo globo destruindo sociedades locais, impondo sobre o planeta as determinidades próprias do capital, realizando uma maior homogeneização social, cultural, política e econômica. A “descoberta” da América é exemplo claro da inerência expansiva do capital, e os ameríndios as primeiras vítimas desta primeira etapa globalizante, portanto é preciso delinear o que há de novo na globalização.

A etapa recente da globalização, a partir do pós-guerra, caracteriza-se inicialmente por uma polaridade geopolítica entre a Europa ocidental e EUA, em oposição ao bloco comunista (Europa oriental, URSS, China), porém nos países capitalistas centrais também estava em gestação novas políticas de mercado e de produção das grandes empresas, é a expansão das multinacionais com concepções planetárias de produção e distribuição, ainda adequando-se às barreiras alfandegárias dos países.

No final da década de 80 assistimos a derrocada da experiência socialista no bloco soviético e a precipitada afirmação dos teóricos burgueses do fim da história, haveriam chegado à etapa final da evolução humana. Dessa forma ganha particular importância a ofensiva ideológica do neoliberalismo sobre as organizações e grupos sociais que de uma forma ou outra resistiam ao capitalismo, exemplo claro disso é a perda de

* Mestrando. Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060/900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

identidade dos sindicatos, incapazes de levar a cabo uma missão socialista sucumbem diante da ofensiva ideológica burguesa, que prega o fim da sociedade de classes.

Outro processo concomitante à globalização é o dos recentes avanços tecnológicos, cujas tendências apontam para uma maior flexibilidade produtiva, tanto relacionado aos produtos como às relações de produção, rompendo com o paradigma fordista de produção em massa, rigidez na contratação e produção em série.

O rompimento das barreiras alfandegárias significa uma vitória das grandes empresas, pois assim podem elaborar estratégias mundiais de produção e distribuição sem obstáculos políticos. Isso poderia nos levar a crer numa crescente homogeneização dos espaços mundiais, já que o capitalismo estaria cada vez mais ordenando as sociedades nacionais de acordo com os princípios mercadológicos forjados pelas classes dominantes dos países centrais, porém é necessário lembrarmos o caráter contraditório das processualidades capitalistas e teremos condições de vislumbrarmos a força dos lugares, como demonstra Milton Santos, ressaltando as especializações territoriais na divisão territorial do trabalho. Voltaremos a esta questão mais adiante, buscaremos agora delimitar teoricamente o que entendemos por globalização.

Georges Benko procura elucidar a globalização a partir do entendimento de que se trata de uma das etapas de mundialização do capital cuja principal característica estaria na financeirização global da economia, sendo as outras etapas constituídas pela internacionalização caracterizada pela expansão das trocas comerciais entre as nações e transnacionalização, em que o capital produtivo ganha maior mobilidade.

Temos então para BENKO a restrição do termo globalização aos aspectos financeiros, isso permite-nos algumas considerações sobre o papel do capital financeiro no ordenamento territorial.

É através do capital financeiro que o capital ganha grande mobilidade, tanto no sentido de diversificação setorial quanto territorial, que através da centralização das decisões sobre onde, quando e como aplicar o capital é que o capital ganha grande força homogeneizadora, já que o limite da velocidade de circulação do capital financeiro é a própria velocidade da informação, estando agora à escolha do capital um mercado realmente globalizado.

Porém restringindo apenas ao capital financeiro estaríamos reduzindo a globalização apenas ao seu aspecto econômico, e estaríamos dispensando a possibilidade de nos referirmos à globalização como algo mais complexo, que envolveria também uma nova concepção de processos sociais e políticos.

A globalização é um processo em concomitância com outros processos, conforme já delineamos e também pode ser pensado como um conceito em construção, portanto podemos pensá-lo em termos de estratégias políticas, pois também é um processo em andamento, a direção a ser seguida não é puramente acadêmica, mas envolve uma compreensão social-política. Não devemos identificar a globalização com tudo o que se refere à contemporaneidade.

Pensando nas múltiplas contradições da sociedade capitalista, e principalmente na luta de classes opondo a burguesia, detentora dos meios de produção, hegemônica sobre as determinações do capitalismo, e o operariado temos condições de rever o processo de globalização enquanto não somente estratégia de reprodução do capital, mas também como estratégia política e ideológica de dominação.

A globalização em curso e outros processos contemporâneos articulam-se no espaço redefinindo configurações territoriais, fragmentando e integrando lugares, rompendo com as contigüidades regionais ao “aproximar” lugares distantes e “distanciar” localidades vizinhas.

Dessa forma e considerando que esta processualidade não é unívoca é que devemos retomar as formas de luta e resistência como obstáculo às determinidades do capital numa perspectiva libertária.

Considerando-se o papel fundamental da informação sobre o controle do território, é que devemos repensar nossas práticas acadêmicas e lembrarmos que a geografia serve para desvendar máscaras sociais, como bem disse Ruy Moreira, partindo-se do pressuposto de que se a ciência, tecnologia e informação fragmenta, ela simultaneamente solidariza.

A globalização da exclusão social pode ser a globalização da solidariedade permitindo o intercâmbio das experiências da luta de classes subalterna, rompendo com o fetiche e a tecnologia, que coloca a tecnologia como obra única e exclusiva do capital e ao mesmo tempo fazendo-nos crer que ela não pode ser apropriada sob outra perspectiva.

A geografia pode desempenhar importante papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária ao fornecer subsídios para romperem com o fetiche do território, onde o território ordenado aparece para os sujeitos sociais como construção independente de suas vontades e necessidades.

Se o mundo é do tamanho de uma antena parabólica, como canta Gilberto Gil, podemos sintonizá-la no canal da solidariedade.